

11 poemas de Propércio (I, 1-11) traduzidos com o verdadeiro dístico elegíaco de Péricles Eugênio da Silva Ramos

João Angelo Oliva Neto

Resumo: *Para traduzir a Elegia II, 27 de Propércio (1964), Péricles Eugênio da Silva Ramos forjou um rigoroso dístico português formado de alexandrino perfeito e decassílabo heroico, diferentemente do que fizeram seus seguidores diretos e indiretos, inclusive eu, que utilizaram outros tipos de dodecassílabo e decassílabo. Proponho-me agora primeiro a estabelecer as características precisas do dístico de Péricles Eugênio e o poder que tem para reproduzir melhor em português a **katálexis**, isto é, a supressão de sílabas do pentâmetro datílico em relação ao hexâmetro datílico. Estabelecidas as “leis” deste dístico, após breves considerações sobre o uso do hipérbato e da segunda pessoa em português, proponho como experimento praticar o dístico de Péricles Eugênio nos onze primeiros poemas do livro primeiro de Elegias de Propércio.*

Palavras-chave: *dístico elegíaco em português; Péricles Eugênio da Silva Ramos; katálexis; elegia latina; Propércio.*

Quando o poeta, ensaísta e tradutor de poesia Péricles Eugênio da Silva Ramos traduziu há mais de 50 anos a elegia II, 27 de Propércio não cogitava que os metros que adotou para verter o dístico elegíaco antigo teriam a fortuna que teve entre alguns tradutores brasileiros de poesia latina. Ele forjou um dístico vernáculo formado de alexandrino perfeito para o hexâmetro datílico, e decassílabo heroico¹

1 Ausente nos livros de poemas anteriores, a partir de *Lua de Ontem*, de 1960, ou seja, proximamente à publicação de *Poesia Grega e Latina*, em 1964, o dístico que empregará na tradução de Propércio começa aparecer. Cito apenas as ocorrências precisas no poema “Torres de São Benedito” (pp. 100-101). Os versos em cada par são contíguos: “[...] ou lua a soluçar no ramo das figueiras: / dias de festa, dias de tristeza”; “fundei a Santa Casa, o asilo para os pobres, / e nada me alegrou mais a existência”; “O mármore da festa, o mármore do culto, / a ara do júbilo, tão pura e doce”; “e são meus dias, já sem ti, calada esposa, / mendigos a bater de porta em porta”. Cito, por amor da justiça, outros pares em que o dístico não segue o esquema: “que meditou e ergueu as naves, as capelas, / as duas torres de meu templo gótico”, em

para o pentâmetro. Como é sabido, o pentâmetro, embora já fosse assim chamado pelos metricistas antigos, é antes variação do hexâmetro, pois que é hexâmetro duplamente cataléctico. Vejamos o poema (1964, p. 129):

Da morte e do amante

<p>At uos incertam, mortales, funeris horam quaeritis, et qua sit mors aditura uia; quaeritis et caelo, Phoenicum inuenta sereno, quae sit stella homini commoda quaeque mala!</p> <p>Seu pedibus Parthos sequimur seu classe Britannos, 5 et maris et terrae caeca pericla uiae; rursus et obiectum flemus caput esse tumultu cum Mauors dubias miscet utrimque manus; praeterea domibus flammam domibusque ruinas, neu subeant labris pocula nigra tuis. 10</p> <p>Solus amans nouit, quando periturus et a qua morte, neque hic Boreae flabra neque arma timet. Iam licet et Stygia sedeat sub harundine remex, cernat et infernae tristia uela ratis:</p> <p>si modo clamantis reuocauerit aura puellae, 15 concessum nulla lege redibit iter.</p>	<p>Da morte vós quereis saber a hora incerta, e a senda pela qual ela virá; buscais num céu tranquilo, a exemplo dos fenícios, estrelas favoráveis ou funestas;</p> <p>persigamos bretões, ou persigamos partas, cegos perigos rondam mar ou terra; choramos o arriscar a vida nos combates, pois Marte mescla tropas dubiamente, e choramos a casa que arde ou se esboroa, ou se um veneno toca os nossos lábios.</p> <p>Mas sabe o amante como e quando morrerá, nem teme o vento norte nem as armas; e ainda que já reme entre os juncais da Estige, vendo a barca infernal de tristes velas,</p> <p>pela senda proibida ele retornará, se na brisa o chamar a voz da amada.</p>
--	---

Esta é a única vez que Péricles Eugênio adotou esse modelo para traduzir o dístico elegíaco antigo. Infelizmente o silêncio do tradutor quanto à própria prática não nos permite saber por que no poema de Propércio ele assim fez, e por que não fez assim para verter outros poemas gregos e latinos escritos em metro idêntico, presentes no mesmo volume. Embora o decassílabo heroico e o sáfico não sejam variação de alexandrino, digamos provisoriamente que o emparelhamento destes versos desiguais contém alguma semelhança rítmica com o dístico antigo, que não deixa de ser formado de verso longo seguido *de um mais breve do que ele*². Lembrando que o verso é unidade estrutural do poema, observa-se que o tradutor, conservando o mesmo número de versos, preservou o mesmo número de unidades; respeitou também a ausência de rimas. Todavia, inseriu ou acolheu

que o decassílabo é sáfico; “à espera de que um vulto surja de repente, / à espera de que um vulto lhes sorria”, em que o verso de doze sílabas não é alexandrino. Outros “dísticos” ocorrem no poema “Teoria da Permanência” (pp. 118-119), do mesmo livro.

2 Mantendo a alternância de versos mais longos e mais curtos, José Paulo Paes (1997) traduz elegias de Ovídio num dístico formado de um verso de 14 sílabas e um de 12 sílabas, quase sempre alexandrino. Para traduzir Paladas de Alexandria (São Paulo, Nova Alexandria, 1992), o tradutor, além dessa fórmula, adota várias outras com versos de mais de doze sílabas, sempre alternando, porém, versos longos e menos longos.

no texto latino e na tradução espaçamento entre os versos 10 e 11 e entre o 14 e o 15, que faz parecer haver estrofe num poema que, na verdade, é, nos termos da poética antiga, *katásticon*, isto é, composto de versos iguais que se seguem ininterruptamente, o que significa que é privado de estrofes.

Fadados a trabalhar apenas com poucos versos, é forçoso escrutiná-los. Assim, quanto ao decassílabo empregado, os oito são heroicos, isto é, possuem sílaba tônica na sexta sílaba e na décima sílaba. Mas dois deles apresentam incidentalmente tonicidade *também* na quarta e oitava sílabas, de sorte que têm semelhança com o decassílabo sáfico. São os versos 6 e 10. Mas a tonicidade das quartas e oitavas sílabas desses dois versos é menos intensa do que a das sextas sílabas³, o que deixa claro que se trata sempre de decassílabo heroico. Nos outros cinco decassílabos apenas heroicos ou falta a tônica na quarta sílaba (vv. 4; 14 e 16) ou na oitava (vv. 2; 8 e 12) ou em ambas (vv. 4 e 14). Em outras palavras, entre os oito decassílabos, não há nenhum que seja puramente sáfico, isto é, acentuado na quarta, oitava e décima sílabas sem nenhuma tonicidade na sexta sílaba, evidenciando, como disse, que o critério de Péricles Eugênio é usar o decassílabo heroico no dístico que forjou.

Quanto ao dodecassílabo, dos oito apenas um não é alexandrino perfeito, que em todos os andamentos possíveis tem sempre a tônica na sexta sílaba, que, não custa recordar, é terminada ou em palavra oxítone (como no verso 1, “Da morte vós *queris*...”) ou em paroxítone com sinalefa com a vogal seguinte (como no verso 3, *buscais num céu tranquilo, a...*). A exceção é o verso 9, dodecassílabo formado de hexassílabo grave – (“e | cho | ra | mos | a | ca | sa”) e pentassílabo (“que | ar | de | ou | se | es | bo | ro | a”) sem sinalefa entre a vogal –a de “casa” e o –q da palavra seguinte “que”. Péricles Eugênio não usou nem o dodecassílabo trimétrico, acentuado na quarta, oitava e décima-segunda sílabas⁴, que exemplifico com um verso do próprio poeta (“Torres de São Benedito”, do livro *Lua de Ontem*, 1960):

foi esse o **dia** em que meu **templo** viu as **lágrimas**

nem, como disse, o decassílabo sáfico, acentuado na quarta, oitava e décima sílabas, que exemplifico com verso do mesmo poema:

as duas **torres** de meu **templo** **gótico**.

3 Podem ser decassílabos sáficos conforme a tonicidade que a leitura lhes dê, que passa a ser um problema de interpretação.

4 Também chamado “romântico” e “moderno”; ver Chociay, p. 138.

Conjecturo que Péricles Eugênio, para forjar o dístico elegíaco em português, teve por critério *prioritário* utilizar, *sempre que possível*, um dodecassílabo alexandrino seguido de um decassílabo heróico, que, acentuado na sexta sílaba, se assemelhasse ao alexandrino até a sexta sílaba, de maneira que fosse parte dele, como de fato é, e além disso, terminando na décima sílaba, se manifestasse como *variação* do alexandrino construída por abreviação, que muito bem corresponderia à dupla *katálexis* no hexâmetro, que, chamado impropriamente “pentâmetro”, é o verso menor do dístico elegíaco. Este seria o ideal. Só quando não lhe fosse possível construir alexandrino, Péricles Eugênio utilizou dodecassílabo, *mas necessariamente acentuado na sexta sílaba*, para que o decassílabo heroico continuasse a ser parte integrante dele, como parece provar a proporção de apenas um dodecassílabo acentuado na sexta sílaba entre sete alexandrinos, isto é 12,5%. O decassílabo heroico em relação ao alexandrino sempre soará como variação dele por abreviação até a sexta sílaba, pois ambos têm acento aí, o que não ocorre com a décima sílaba, pois nem sempre o alexandrino tem tonicidade nesta sílaba, como se vê nos versos 3 e 7 da tradução de Péricles Eugênio.

Parece-me que o tradutor na versão do poema de Propércio não quis a um verso justapor outro qualquer que fosse apenas mais curto, mas, como creio, quis que ao ouvido o decassílabo soasse como um dodecassílabo cataléctico. Em outras palavras, quis que o verso fosse mais curto porém dotado do mesmo andamento. O procedimento não deixa de ser análogo ao de poetas e tradutores lusófonos de poesia lírica antiga que há muito empregavam, no verso menor de uma estrofe, um verso que o *integra*, vale dizer, que metricamente é parte dos versos anteriores da estrofe⁵.

5 Seguem-se dois exemplos. No primeiro os decassílabos da estrofe são heroicos e o verso menor de encerramento é hexassílabo. Trata-se da segunda estrofe da tradução que o poeta árcade Antônio Ribeiro dos Santos (Elpino Duriense) fez da ode I, 2, de Horácio (*Angustam, amici, pauperiem pati*), em que o hexassílabo é o verso menor que se segue a três decassílabos heróicos de quatro versos:

[...]
 Ah, não provoque o régio esposo, rude
 nas guerras, ao leão, feroz, se o tocam,
 a quem cruentas iras arrebatam
 por meio das matanças.

No segundo, os decassílabos da estrofe são sáficos e o verso menor é um tetrassílabo. Trata-se da primeira estrofe do poema “A Batalha de Waterloo. Ode Sáfica”, de Vicente Pedro Nolasco Pereira da Cunha, publicado n’ *O Investigador Português em Inglaterra – Jornal Literário Político & C.*, volume 13, n. 51 (setembro de 1815), p. 344. Atualizei a ortografia e a pontuação:

Exatamente como Péricles Eugênio, Francisco Gonçalves Rebelo traduziu epigramas compostos em dísticos elegíacos e, tal como ele, traduziu-os não apenas assim. Exemplifico com a tradução que fez do epigrama II, 7 de Marcial:

Marcial, II, 7	Contra Ático
Declamas belle, causas agis, Attice, belle, historias bellas, carmina bella facis, mimos, epigrammata belle, bellus grammaticus, bellus es astrologus, et belle cantas et saltas, Attice, belle, bellus es arte lyrae, bellus es arte pilae. Nil bene cum facias, facias tamen omnia belle, uis dicam quid sis? Magnus es ardalio.	Declamas belamente e belamente advogas histórias belas, belos versos fazes Belos mimos compões e belos epigramas És gramático belo, belo astrólogo 5 E cantas belamente, ó Ático, e assim danças, belo és na arte da lira e na da péla. Nada fazes bem feito e tudo belamente... Sabes o que és? Um grande metediço.

Tendo-a feito entre os anos de 1971 e 1975⁶, é possível e penso que até provável que conhecesse a tradução de Péricles Eugênio.

Haroldo de Campos, bem mais tarde, em 1992, ao traduzir os hexâmetros datílicos da *Ilíada*, fez exatamente como Péricles Eugênio fizera: empregou, como ele mesmo afirma, dodecassílabos acentuados na sexta sílaba e mais raramente na quarta, oitava e décima-segunda⁷. Emprega também alexandrinos perfeitos, mas não o menciona, apesar de não ser excepcionais, o que é bem estranho, quer pela importância que esse verso teve na história da poesia lusófona, principalmente no Parnasianismo brasileiro, quer pelo desapareço que historicamente lhe votaram⁸, quer pela frequência com que ocorre em Haroldo de Campos.

Manto que as noites afeaste d'Elba
co'as negras cores do medonho Averno
de horrores quantos lacerado abriste
cena tremenda!
[...].

Ver sobre isso a nota 15.

6 Ver *Obra Completa*, vol. I, p. 857.

7 “De minha parte, em lugar do decassílabo de molde camoniano, que mais de uma vez obrigou Odorico a prodígios de compressão semântica e contorção sintática, recorri ao metro dodecassilábico (acentuando na sexta sílaba, ou, mais raramente, na quarta, oitava e décima-segunda”. (1992, p. 144).

8 Ver Antônio Feliciano de Castilho na Castilho, *Tratado de Metrificação* (pp. 49-53), citando a censura do Abade de Jazende, o qual chega a compor um curioso soneto em alexandrinos desancando-os. Castilho responde aos dois argumentos contra o verso: ao fato de que é estrangeiro, opõe que muitos outros versos portugueses são; e a ser a mera junção de dois hexassílabos, opõe a unidade de sentido que há no alexandrino. No século XX, Augusto Meyer (1965), em ensaio bem humorado, endossa a crítica e lembra outro desafeto do alexandrino, Francisco Xavier de Novais, cunhado de Machado de Assis e autor do poema “Embriração”, em que invectiva o verso, chamando-o de “longo verso-prosa”.

Creio, também por isso, ser ainda mais provável que, também poeta e tradutor, Haroldo de Campos conhecesse a tradução do colega, embora no artigo não haja semelhante afirmação. Veja-se excerto da tradução que ele fez do canto I da *Iliada* (vv. 62-100):

Vamos, sem mais, ouvir arúspice ou vidente
 – oniromante – que o sonhar provém de Zeus.
 Que nos explique um tal rancor em Febo Apolo:
 se de omissos nos culpa, em votos, hecatombes; 65
 se lhe apraz receber de ovelhas e de cabras
 seletas o perfume e nos poupar da peste”.
 Falou e então sentou-se. Calcas Testorides
 ergueu-se após, ótimo áugure de pássaros,
 sabedor do que é, do que foi, do futuro, 70
 que a Ílion conduzira as naves dos Aqueus
 pelo dom de prever, graça de Febo Apolo.
 Disse, de boa mente, ao povo unido na ágora:
 “Aquiles, caro a Zeus, ordenas que eu discorra
 sobre a ira de Apolo, deus flechicerteiro. 75
 Pois é o que farei. Mas vê se me afianças,
 zeloso, com teu braço e palavras valer-me.
 Temo irritar um homem, o maior de todos,
 que os Argivos governa e os Aqueus obedecem.
 Furioso contra um fraco um rei se excede em força 80
 se no momento engole a cólera e a cozinha,
 perdura-lhe o rancor, até que se sacie,
 concentrado no peito. Diz que me proteges”.
 A ele replicou Aquiles, pés-velozes:
 “Calmo de coração, profere teu oráculo. 85
 Ninguém – mercê de Apolo, caro a Zeus, que o dom
 ante os Dânaos te fez, Calcas, do vaticínio –;
 ninguém, enquanto eu vivo a terra em torno aviste;
 ninguém, junto às naus côncavas, as mãos pesadas
 lançará sobre ti, Dânao, mesmo Agamêmnon 90
 que deles, dos Aqueus, se blasona o melhor”.

Encorajado então, falou o áugure augusto:

“Por voto omissis não nos culpa, ou hecatombe,
mas pelo sacerdote, o agravo de Agamêmnon:
não resgatou-lhe a filha, rejeitou-lhe o prêmio. 95

Por isso, deu-nos dor, e há de nos dar, o Arqueiro,
nem o horror do flagelo afastará dos Dânaos,
antes que ao pai retorne a moça de olhos rútilos,
sem prêmio, sem resgate, e em Crisa se perfaça
uma sacra hecatombe. Assim talvez se aplaque”. 100

Dos 39 versos, oito são dodecassilábicos acentuados na sexta sílaba (vv. 68, 69, 75, 78, 83, 86, 89, 95); dois são quaternários (vv. 63 e 93); os restantes 29 são alexandrinos perfeitos! Embora a amostra seja irrisória, os alexandrinos perfeitos, bem ao contrário de ser excepcionais, são a regra, o que dificulta entender por que Haroldo de Campos não os menciona. Contra toda probabilidade, tratando-se de pessoa tão versada em teoria poética como era o poeta, com dizer “dodecassílabo acentuado na sexta sílaba” talvez ele designasse sem distinção o alexandrino (com sexta sílaba oxítone ou paroxítone com sinalefa na sílaba seguinte) e o dodecassílabo apenas acentuado na sexta sílaba, sem oxítone nem sinalefa.

Disse que a solução de Péricles Eugênio da Silva Ramos foi modelo de alguns tradutores brasileiros de poesia latina. Sendo um deles, sou obrigado a falar de minha própria experiência, para o quê, ainda assim, peço vênias. Traduzi em verso e tive publicados todos os poemas que nos chegaram do poeta latino Caio Valério Catulo e para a seção elegíaca d’ *O Livro de Catulo* (do poema 65 ao 116), adotei o dístico formado por dodecassílabo (eventualmente alexandrino e quaternário) e decassílabo heroico ou sáfico. Ou seja, mirei-me no exemplo de Péricles Eugênio na justaposição de um verso de doze e outro de dez sílabas para o dístico elegíaco, adotando, porém, a mesma liberdade que Haroldo se concedeu ao incluir outras espécies de dodecassílabos. Para o decassílabo, apliquei análoga liberdade, empregando, além do heroico, também o sáfico. Exemplifico com a tradução do poema 76 de Catulo:

Catulo 76

Se ao homem que recorda os feitos bons de outrora
 existe algum prazer ao ver que é pio,
que não faltou à fé jurada nem do nome
 usou dos deuses por perder os homens

num pacto, a ti, Catulo, é grande, vida afora, 5
 em paga, a dita deste ingrato amor.
 Pois quanto os homens podem bendizer ou bem
 fazer está por ti já dito e feito.
 E tudo terminou confiado a um peito ingrato.
 Por que então te torturas tanto assim? 10
 Por que não firmas o ânimo e, senhor de si,
 e deuses contra, deixas de ser triste?
 Difícil é deixar súbito um longo amor.
 É difícil, mas tenta como podes.
 Só isto é salvação, isto tens de fazer. 15
 Que o faças, se impossível ou possível.
 Ó deuses, se é de vós ter pena ou se já a alguém
 último auxílio destes na sua morte,
 olhai-me triste e se uma vida levei pura,
 arrancai-me esta peste e perdição, 20
 que sub-reptícia qual torpor nos membros dentro
 alegria expulsou do peito inteiro.

De onze versos de doze sílabas, oito são alexandrinos: versos 1, 3, 5, 9, 13, 15, 17, 21. Dois são dodecassílabos não-alexandrinos, acentuados na sexta sílaba, versos 7 e 11. Apenas um é dodecassílabo quaternário, acentuado na quarta, oitava e décima-segunda sílabas, o verso 19. Quanto aos decassílabos, é sáfico puro, sem acento na sexta sílaba, o verso 4; os demais são heroicos.

Pela aceitação que teve o livro entre jovens pós-graduandos de Letras Clássicas, o mesmo critério foi adotado por alguns deles quando fizeram e ainda fazem suas traduções de poesia elegíaca latina⁹. Se não deixou de ser razão de algum

9 João Paulo Matedi Alves ao traduzir Tibulo (2008), p. 64 e (2014), p. 30; Guilherme Gontijo Flores ao traduzir Propércio (2008), p. 101; Fábio Paifer Cairolí ao traduzir Marcial (2009), p. 116; Alexandre Agnolon (2014) e Daniel Bueno de Melo Serrano (2013), p. 10, que, traduzindo respectivamente Marcial Tibulo, não apontam modelos. Robson Tadeu Cesila (2008, p. 24) não apontando tampouco nenhum modelo, mostra bem como a prática se difundia: “Assim, para a tradução dos epigramas compostos em dísticos elegíacos, que predominam largamente na obra de Marcial (1240, quase 80% do total), utilizamos, como é comum entre os tradutores de poesia clássica, o verso dodecassílabo para os hexâmetros e o decassílabo para os pentâmetros”; grifo meu. Nesse volume 15 dos *Cadernos*, assim ainda fazem os mesmos Daniel Bueno, Fábio Cairolí e Alexandre Agnolon. Guilherme Gontijo Flores, mantendo o procedimento, publicou a tradução completa das elegias Propércio; cf. PROPÉRCIO.

orgulho, o fato hoje é motivo de maior contrição, porque nem na dissertação de mestrado, defendida em 1993, nem no livro, publicado em 1996, deixei explícitos, como se deve e como agora faço, os modelos que na adoção do metro eu seguira, que são Péricles Eugênio da Silva Ramos e Haroldo de Campos. Escrevia então¹⁰:

os dísticos elegíacos, formados por um hexâmetro, verso igual ao da épica, e uma variação deste, o hexâmetro cataléctico (chamado equivocadamente de pentâmetro) traduziram-se também em dísticos, de 12 e 10 sílabas, por crer-se essencial o movimento rítmico binário.

É bem verdade que mais tarde fiz por esclarecer a questão em todas as ocasiões possíveis, como bem mostram as palavras de João Paulo Matedi Alves, um destes jovens tradutores¹¹, a respeito da passagem acima, palavras cuja precisão acadêmica é exemplar¹²:

Está exatamente assim no livro de João Angelo citado neste ponto. Contudo, por ocasião da VI Semana da Pós-Graduação em Estudos Clássicos da FALE-UFMG, que teve lugar de 10 a 12 de dezembro de 2007, tive o privilégio de conhecer o autor de *O livro de Catulo*. Naquela oportunidade, confidenciou-me o professor e tradutor que tal expediente – a sucessão de dodecassílabos e decassílabos – fora buscado por ele em outro tradutor – Péricles Eugênio da Silva Ramos –, a partir da versão que este último empreendera de uma elegia de Propércio.

Paga a dívida, cabe, de um lado, concluir que afinal, se o critério estrito de Péricles Eugênio era o que aponte, em rigor, excetuando-se Francisco Rebelo Gonçalves¹³, nenhum dos vários tradutores mencionados, o que me inclui, ao traduzir

10 OLIVA NETO (1993), p. 36 e (1996), p. 57.

11 ALVES (2008), pp. 30-31.

12 Assim também Fábio Paifer Cairolli, cujo mestrado e doutorado que tive o privilégio de orientar (2014, p. 156): “Esta solução não é de nossa lavra; pelo contrário, já tem sido utilizada por diversos tradutores. Tanto quanto pudemos apurar, já estava em uso na década de 1960, quando Péricles Eugênio da Silva Ramos publicou seu *Poesia Grega e Latina*. Nesta coleção, traduz a elegia II, 27 de Propércio segundo este esquema métrico”.

13 Restringindo-me apenas a elegias e epigramas elegíacos traduzidos em dísticos de alexandrino e decassílabo heroico, arrolou-os: *Antologia Palatina* IX, 599 (Teócrito); Catulo, 70; Marcial, I, 16; I, 47; II, 7; II, 80; III, 3; III, 8; IV, 20; IV, 31; V, 81; VII, 25; VIII, 12, X, 8; XI, 12; XII, 88; XIII, 72; XIII, 77, XIV, 12; XIV, 73. São dezoito poemas, que contêm 35 versos de doze sílabas, dos quais apenas três (8,57%) não são alexandrinos perfeitos: o verso 1 do poema 70 de Catulo, e de Marcial o verso 1 do poema VIII, 12 e o verso 1 do poema XIII, 72. Os três são dodecassílabos ternários. Gonçalves Rebelo não usa dodecassílabo apenas acentuado na sexta sílaba, sem sinalefa.

dístico elegíaco latino, seguiu o exemplo dele, justamente porque não empregaram como prioridade absoluta o alexandrino perfeito. Fique claro que o decassílabo heroico ou sáfico justaposto ao dodecassílabo alexandrino, ou ao dodecassílabo só acentuado na sexta sílaba ou ao dodecassílabo ternário é ainda e sempre excelente solução para verter o dístico elegíaco antigo, porque o par formado não deixa de marcar alternância, presente no original, de um verso mais longo e um mais breve, que, enfim, é o traço mais característico do dístico elegíaco antigo. Quero só ressaltar, como creio que fiz, que Péricles Eugênio *talvez* desejasse também que o verso menor já não marcasse só a *alternância* de versos mais longos e mais curtos, mas também a *variação por abreviação* que o decassílabo heroico manifesta relativamente ao alexandrino, o que se dá quando ele, para usar oportuno termo de Amorim de Carvalho, “decalca”¹⁴ o alexandrino até a sexta sílaba. Desse modo, fica patente que o cerne do problema é o alexandrino, que passo a discutir com mais detença.

Alexandrino X dodecassílabo no dístico ideal: uma hipótese

É famosa a regulamentação de Olavo Bilac e Guimarães Passos justamente a favor do alexandrino e contra o dodecassílabo acentuado na sexta sílaba:

- 1) Dava-lhe a custo a sombra ||| escassa e pequenina.
- 2) Dava-lhe a custo a sombra || fraca e pequenina.

E é notório o argumento que a “correção” do primeiro é que a cesura átona (ou grave, ou feminina paroxítona) divide o verso em dois hexassílabos iguais:

Da	va	-l <u>he</u> a	cus	to a	<i>som</i>	bra		<u>es</u>	cas	sa e	pe	que	<i>ni</i>	na
1	2	3	4	5	6			1	2	3	4	5	6	

ao passo que o “defeito” do segundo é que, sem sinalefa, a cesura divide o verso em partes desiguais, um hexassílabo e um pentassílabo¹⁵:

14 Notar também o sentido do termo “quebrado” (p. 40): “O octassílabo pode ser considerado um quebrado do decassílabo sáfico pois o decalca até ao seu último acento rítmico na 8a sílaba”.

15 Afirmam (p. 68.): “Este verso alexandrino: *dava-lhe a custo a sombra escassa e pequenina* está certo, porque no ponto de junção dos dois metros reunidos a elisão do *a* de *sombra* com o *e* de *escassa* é perfeita. Mas se, em vez da palavra *escassa*, houvesse ali a palavra *fraca*, o verso assim composto – *dava-lhe a custo a sombra fraca e pequenina* – seria um alexandrino errado [...]” Justamente sobre o exemplo e a afirmação de Bilac e Passos, Chociay comenta (pp. 129-130): “O erro do segundo verso, conforme se depreende, consiste no desmanchar-se a relação de hemistíquio 6 grave + 6 (tornada 6 + 6 pela sinalefa), em 6 grave + 5, com

Da va -lhe a cus to a *som* bra || fra ca e pe que *ni* na
 1 2 3 4 5 6 1 2 3 4 5

Como para Bilac e Guimarães Passos (p. 67) “o alexandrino compõe-se geralmente de dois versos de seis sílabas”, se um deles possuir cinco, o verso final será defeituoso, mesmo se somar doze sílabas poéticas. Para os parnasianos parece que o problema assenta na desigualdade entre hexassílabo e pentassílabo, e na decorrente assimetria dos hemistíquios. Preocupados mais em prescrever do que em analisar, os tratadistas infelizmente não se aprofundam, de sorte que a consideração mesma de “certo” e “errado” não se sustenta além do amor que demonstram pela simetria. Com efeito, analisando o conceito e os exemplos de Bilac e Guimarães Passos, Rogério Chociay afirma: (pp. 129-130):

O erro do segundo verso, conforme se depreende, consiste no desmanchar-se a relação de hemistíquio 6 grave + 6 (tornada 6 + 6 pela sinalefa), em 6 grave + 5, com membros assimétricos. Em termos de andamento intensivo, contudo, ambos os versos são absolutamente idênticos, nada se perdendo ou acrescentando com a troca de uma palavra por outra.

Entretanto, ainda que o alexandrino e o dodecassílabo acentuado na sexta sílaba *intensivamente* não difiram – e não diferem mesmo –, para a composição do dístico que discuto, a assimetria não é indiferente. Para produzir melhor a *katálexis* construída por abreviação, isto é, para o decassílabo parecer, ainda mais, um dodecassílabo abreviado, é imperioso que o segundo hemistíquio do dodecassílabo seja hexassilábico, o que significa que o verso de doze sílabas deve ser alexandrino. A razão é que no dístico, o alexandrino soa como dois hexassílabos separados por pausa menor, a da cesura, seguidos de uma pausa maior, a do fim do verso, mais outro hexassílabo, que é a primeira parte do decassílabo heroico, quando então se sucede o fim do decassílabo heroico, que em qualquer possibilidade jamais será de novo um hexassílabo, mas necessariamente um verso menor (tetrassílabo, trissílabo ou dissílabo¹⁶). Por outras palavras, o ouvido, apesar das pausas diferentes – ou antes, até ajudado por elas – ouve três hexassílabos em seguida, o que não é pouco, antes de ouvir um “verso” (na verdade, a parte final do decassílabo)

membros assimétricos. Em termos de andamento intensivo, contudo, ambos os versos são absolutamente idênticos, nada se perdendo ou acrescentando com a troca de uma palavra por outra”.

16 Se respectivamente o primeiro hemistíquio for oxítono: “Possa diminuir || o amor perfeito” (Camões); se for paróxítono: “Leda serenidade || deleitosa”, (Camões); e se for proparoxítono: “Órbitas hiperbólicas || extensas” (Geir Campos); ver CHOCIAY, pp. 113-114.

que rompe o padrão que se estabelecera: o rompimento do padrão é justamente a *katálexis*! Esquematizo:

hexassílabo | | hexassílabo
hexassílabo | | *tetrassílabo ou trissílabo ou dissílabo.*

A distinção é mais simples, como se vê no resumo do esquema:

A | | A
A | | B

Basta perceber que B é diferente do recorrente A. Como quer que seja B, que é o segundo hemistíquio do decassílabo heroico (tetrassílabo ou trissílabo ou dissílabo), é apenas aí que se deve atentar para perceber a *katálexis*. Por outro lado, no dístico de dodecassílabo acentuado na sexta sílaba e decassílabo heroico, a *katálexis* é mais difícil de perceber, porque no dodecassílabo há duas possibilidades para o segundo hemistíquio, que é a) pentassílabo (se o primeiro hemistíquio termina em palavra paroxítona, como no exemplo “errado” de Bilac e Guimarães Passos), ou b) tetrassílabo (se o primeiro hemistíquio termina em palavra paroxítona sem sinalefa, como neste de minha lavra “mamilos aos unânimes | | maridos antes”¹⁷). Creio que, a variedade no primeiro verso do dístico, o dodecassílabo, somada à variedade que já havia no segundo verso do dístico, o decassílabo heroico, dificulta a percepção da *katálexis* porque o ouvido terá que “lembrar” que as duas segundas metades dos dois versos são diferentes entre si e não apenas a metade do segundo verso em relação a tudo que a antecedeu. Veja-se o esquema:

hexassílabo | | pentassílabo ou tetrassílabo
hexassílabo | | tetrassílabo ou trissílabo ou dissílabo

Ademais, penso que as combinações entre as possibilidades dos dois segundos hemistíquios dificultam ainda mais distinguir a *katálexis*. Aqui o fator diferencial já não incide mais apenas no segundo hemistíquio do segundo verso, tendo ocorrido três vezes o mesmo padrão. A distinção torna-se mais sutil, como se vê no resumo do esquema:

17 CATULO (1996), p. 137.

A || B ou C
 A || C ou D ou E.

Escolhendo ao acaso uma combinação, por exemplo

A || B
 A || C,

agora será necessário perceber que o todo A || C é diferente do todo A || B, o que é mais difícil. Para tanto, devem-se comparar os hemistíquios B e C, depois da ocorrência do elemento invariante A entre eles, ou seja, temos primeiro de identificar C e, sem nos deixar confundir por A, que vem a seguir, temos de nos lembrar de B para diferenciar C de B. É muito mais dificultoso captar o padrão, para perceber a ruptura dele. Por tudo isso, reitero que o dístico formado de alexandrino e decassílabo heroico é mais eficiente do que qualquer outro dístico de dodecassílabo e decassílabo. Como último argumento lembro que o próprio Péricles Eugênio da Silva Ramos (pp. 46-47), agora na condição de teorizador, num ensaio capital sobre o verso, analisa esses alexandrinos de Olavo Bilac

Em cujos galhos, no ar erguidos, a formosa

Dez combatentes? Onde um arco, que atirasse

e afirma (p. 46):

Neles não há (a não ser teoricamente) dois hemistíquios mas ao contrário cada verso é constituído por três membros: as tônicas principais incidem na 4^a, 8^a e 12^a sílabas. Isso acontece quando há *enjambement* entre os hexassílabos, cuja composição, nos casos citados, seria esta:

Em cujos galhos, no ar
 erguidos, a formosa
 Dez combatentes?
 Onde um arco, que atirasse.

Adiante conclui (p. 47):

Se o alexandrino podia na prática ser trimembre em vez de bimembre, nada mais natural do que eliminar a sinalefa da sétima sílaba. Não havendo mais

hemistíquios, para que a sinalefa? O que importava era que o conjunto guardasse doze sílabas.

O conceito contido na conclusão é exatamente o que também preside a prática de não diferenciar dodecassílabo e alexandrino adotada por todos os tradutores de elegia mencionados, exceto o próprio Péricles Eugênio! Ora, se adotar o dodecassílabo, em vez de alexandrino, é enfim indiferente e se na versão de Propércio ele praticamente não o adota, é lícito deduzir que a adoção ali não lhe é indiferente. Mercê da infeliz exiguidade da amostragem, só por hipótese posso afirmar que Péricles Eugênio da Silva Ramos e Francisco Gonçalves preferiram a simetria dos hemistíquios do alexandrino ao compor, com o decassílabo, o dístico elegíaco português.

A hipótese como experimento

Como disse, nem os dois tradutores expuseram teoria sobre o dístico, nem a amostra de seus versos é grande o bastante para que se afirme com maior certeza terem agido como foi exposto. Todavia, o que talvez seja pouco para formular mais que uma hipótese, ainda que teoricamente não me pareça nada irrelevante, foi quanto me bastou para acolher como boa teoria e pôr em prática nas minhas próprias traduções de dísticos elegíacos gregos e latinos nos últimos anos. Não se pode garantir que Péricles Eugênio pensou assim, mas posso assumir que, mirando-me nele com detimento, assim pensei eu na amostragem que exponho para avaliação crítica de quem se interessar.

Segue-se a tradução dos onze primeiros poemas do primeiro livro de elegias do mesmo Propércio. Assim como na versão de Péricles Eugênio, o alexandrino e o decassílabo heroico são prioritários, absolutamente preferenciais, mas não exclusivos, por várias razões, a principal das quais é que são muito poucos os poemas gregos e latinos desprovidos de nome próprio (pessoas e lugares), cuja necessária presença no verso às vezes limita a observância de outros quesitos teóricos, pois a possibilidade de substituir tais nomes é muito reduzida. A tradução também apresenta o que chamo “isostiquia”, quer dizer, o mesmo número de versos do poema latino, e o uso mais atrevido do hipérbato, que, sucinto, defino aqui como a separação dos elementos de um sintagma, via de regra, o substantivo e o respectivo adjetivo. Porque grego e latim possuíam declinação de caso, o tropo é bem mais comum nesses idiomas do que em português, chegando, por assim dizer, a timbrar os versos como elegíacos quando ocupam determinada posição no verso. Exemplifico (I, 11-12):

Nam modo Partheniis amens errabat in antris,
 rursus in *hirsutas* ibat et ille *feras*.

Hirsutas é adjetivo referente ao substantivo *feras*, formando “sintagma”, isto é, unidade linguística, apesar de que os termos estão separados. Todavia, a ilustrar frequência do tropo, note-se que ocorre também no hexâmetro, entre *Partheniis* e *antris*, que não manteve de todo:

pois ora em *antros* louco errava no *Partênio*,
 onde *eriçadas* enfrentava *feras*.

Mas no seguinte dístico foi possível manter o hipérbato nos dois versos (I, 33-34):

Nam me nostra Venus *noctes* exercet *amaras*, que as *noites* Vênus minha *amargas* me prepara
 et nullo *uacuus* tempore deficit *Amor*. e *ocioso* nunca me dá paz *Amor*.

Com fazer assim, a despeito da diferente recorrência em latim e português, pretendo timbrar os versos também em nossa língua, desse modo lembrando que ela permite o hipérbato, e sobretudo produzir com o texto latino certa mimetização que, semiótica, assinale na própria estranheza tratar-se de tradução de elegia.

Deixo, por fim, algumas palavras sobre o emprego de “tu”, que adoto. Como é bem sabido, com exceção de alguns estados do sul do país, o emprego sem solecismo de “tu” e a segunda pessoa verbal é bem menos frequente no Brasil que o emprego do pronome “você” e a terceira pessoa verbal. Por isso, a frequência menor da segunda pessoa na fala ordinária, aliada à maior ocorrência na poesia lusófona dos séculos passados, faz, retoricamente, elevar-se a elocução no discurso elegíaco (ou, nos termos da linguística, o registro), o que para certos leitores parece inadequado, mormente na elegia latina, cuja inerente matéria erótico-amorosa é tratada com gracejo. O argumento principal é que o “tu” é elevado e ninguém fala assim, o que é verdade, como é igualmente verdadeiro que a nem segunda pessoa nem a ausência de coloquialidade eliminam o gracejo elegíaco. Para não me estender, ilustro o fato com canções de amor da música popular brasileira em que ocorre a segunda pessoa, destacando “Folhetim” (Chico Buarque de Holanda), que retoma na fala da cortesã, sem que talvez o autor o saiba, muito do discurso da elegia amorosa latina, e, do mesmo autor, “Tatuagem”: imagem que metaforiza a proximidade extrema entre os amantes e cujo gracejo não é tolhido pela segunda pessoa. Aduzo também outras canções “As vitrines”, do mesmo autor, e “Menino

Deus”, “Menino do Rio”, de Caetano Veloso, e “Paralelas”, de Belchior. Sem discutir se as letras são poesia – não é aqui o caso –, a segunda pessoa, que *pode* ser erudita e elevada, não tolhe a essas canções a graça nem o caráter “popular”. Não me parece que tolha a ironia graciosa dos poemas traduzidos de Propércio.

Propércio, Elegias, Livro I, 1-11

Livro I, Elegia 1

Cynthia prima suis miserum me cepit ocellis, contactum nullis ante cupidinibus.		Cíntia a primeira – azar de mim! – com seus olhinhos conquistou-me, intocado por desejo.
Tum mihi constantis deiecit lumina fastus et caput impositis pressit Amor pedibus, donec me docuit castas odisse puellas	5	Então Amor ao chão lançou meu nobre olhar e sob os pés pisou esta cabeça até que me ensinou a odiar meninas castas, o torpe, e sem juízo algum viver.
improbus, et nullo uiuere consilio. Et mihi, iam toto furor hic non deficit anno, cum tamen aduersos cogor habere deos.		Um ano inteiro faz que este furor não passa, e inda me oprime o ter contrários deuses.
Milanion nullos fugiendo, Tulle, labores saeuitiam durae contudit Iasidos.	10	Milânion, que trabalho algum negava, Tulo, dobrou na dura Iáside a fereza,
Nam modo Partheniis amens errabat in antris, rursus in hirsutas ibat et ille feras; ille etiam Hylaei percussus uulnere rami saucius Arcadiis rupibus ingemuit.		pois ora em antros louco errava no Partênio, onde eriçadas feras enfrentava, ou, da clava de Hileu ferido pelo golpe, gemia em penhas árcades aflito.
Ergo uelocem potuit domuisse puellam: tantum in amore preces et benefacta ualent.	15	Assim pôde domar a célere menina, tanto valem no amor preces, façanhas:
In me tardus Amor non ullas cogitat artes, nec meminit notas, ut prius, ire uias.		mas por mim tardo Amor não cuida de artimanhas nem vai, como antes, por batidas rotas.
At uos, deductae quibus est fallacia lunae et labor in magicis sacra piare focis,	20	Mas vós por cujo engano a lua desce à terra, que imolais por mister em fogos mágicos,
en agedum dominae mentem conuertite nostrae, et facite illa meo palleat ore magis! tunc ego crediderim uobis et sidera et amnes posse Cytaines ducere carminibus.		eis: de minha senhora o coração mudai, fazei-a empalecer mais que meu rosto, que eu hei então de crer que estrelas, rios podeis com encantos mudar da Citaíne.
Et uos, qui sero lapsum reuocatis, amici, quaerite non sani pectoris auxilia.	25	E vós, que tarde ergueis quem jaz caído, amigos, ide buscar auxílio a um peito insano.
Fortiter et ferrum saeuos patiemur et ignes, sit modo libertas quae uelit ira loqui.		Com brio o ferro vou sofrer e sevas chamas, se franco, quanto a ira quer, eu fale.
ferte per extremas gentes et ferte per undas, qua non ulla meum femina norit iter.	30	Levai-me por nações extremas e por ondas, onde mulher não saiba meu caminho:

uos remanete, quibus facili deus annuit aure,
 sitis et in tuto semper amore pares.
 Nam me nostra Venus noctes exercet amaras,
 et nullo uacuis tempore defit Amor.
 Hoc, moneo, uitate malum: sua quemque moretur 35
 cura, neque assuetu mutet amore torum.
 Quod si quis monitis tardas aduerterit aures,
 heu referet quanto uerba dolore mea!

vós a que o deus ouviu atento aqui ficai
 e amor compartilheis sempre seguro,
 que as noites Vênus minha amargas me prepara
 e ocioso nunca amor me dá sossego.
 Este mal evitai, advirto, e cada um
 demore, sem mudar, no amor que tinha.
 Quem der ao que eu ensino ouvidos moucos, ah!
 com que dor lembrará minhas palavras!

Propércio, Livro I, Elegia 2

Quid iuuat ornato procedere, uita, capillo
 et tenuis Coa ueste mouere sinus?
 Aut quid Orontea crines perfundere murra,
 teque peregrinis uendere muneribus,
 naturaeque decus mercato perdere cultu, 5
 nec sinere in propriis membra nitere bonis?
 Crede mihi, non ulla tuae est medicina figurae:
 nudus Amor formae non amat artificem.
 Aspice quos summittat humus non fossa colores,
 ut ueniant hederæ sponte sua melius, 10
 surgat et in solis formosior arbutus antris,
 et sciat indociles currere lympha uias.
 Litora natiuis praefulgent picta lapillis,
 et uolucres nulla dulcius arte canunt.
 Non sic Leucippis succendit Castora Phoebe, 15
 Pollucem cultu non Helaïra soror;
 non, Idae et cupido quondam discordia Phoebo,
 Eueni patriis filia litoribus;
 nec Phrygium falso traxit candore maritum
 aucta externis Hippodamia rotis: 20
 sed facies aderat nullis obnoxia gemmis,
 qualis Apelleis est color in tabulis.
 Non illis studium fuco conquirere amantes:
 illis ampla satis forma pudicitia.
 Non ego nunc uereor ne sis tibi uilior istis: 25
 uni si qua placet, culta puella sat est;
 cum tibi praesertim Phoebus sua carmina donet
 Aoniamque libens Calliopea lyram,
 unica nec desit iucundis gratia uerbis,

Por quê andar com tal penteado, ó Vida minha,
 mover lisos plissês de Cós na veste?
 Por que molhar de mirra Oróntea os teus cabelos,
 vender-te por presentes importados,
 o garbo natural por truques barganhar,
 e não deixar brilhar por si teu corpo?
 Tua aparência, crê, não requer tratamento:
 não ama nu Amor o maquiador.
 Olha o matiz que faz brotar a terra inculta,
 como espontânea vem melhor a hera!
 Quão mais belo o medronho em erma gruta surge
 e a água vai por rumos sem que a ensinem!
 Praias brilham da cor que grãos nativos pintam;
 sem artificios doce cantam pássaros.
 Não inflamou Castor assim Febe Leucípede,
 nem com truque Hilaíre, irmã, a Pólux,
 nem a filha de Eveno em orlas pátrias – velha
 rixa do desejoso Febo e Ida –,
 nem sobre rodas vindo Hipôdame estrangeiras
 ganhou com brilho falso o Frígio esposo:
 antes, não lhes vexava o aspecto gema alguma,
 tinham a cor que Apeles pôs na tela,
 não tinham que pintar-se por obter amantes:
 bastava-lhes pudor para ser lindas.
 Não temo que te dê menor valor que o delas:
 mulher, basta que agrade a um só, que é fina,
 e mais, se Febo a ti te faça dom do canto,
 Calíope, de grado, a lira Aônia,
 se encanto singular não falte em ledas falas

omnia quaeque Venus, quaeque Minerua probat. 30 nem quanto apraz a Vênus e Minerva.
His tu semper eris nostrae gratissima uitaе,
taedia dum miserae sint tibi luxuriae. Assim, encantarás bem mais a minha vida,
se luxos infelizes te cansarem.

Propércio, Livro I, Elegia 3

<p>Qualis Thesea iacuit cedente carina languida desertis Cnosia litoribus; qualis et accubuit primo Cepheia somno libera iam duris cotibus Andromede; nec minus assiduis Edonis fessa choreis 5 qualis in herboso concidit Apidano: talis uisa mihi mollem spirare quietem Cynthia consertis nixa caput manibus, ebria cum multo traherem uestigia Baccho, et quaterent sera nocte facem pueri. 10 Hanc ego, nondum etiam sensus deperditus omnes, molliter impresso conor adire toro; et quamuis duplici correptum ardore iuberent hac Amor hac Liber, durus uterque deus, subiecto leuiter positam temptare lacerto 15 osculaque admota sumere arma manu, non tamen ausus eram dominae turbare quietem, expertae metuens iurgia saeuitiaе; sed sic intentis haerebam fixus ocellis, Argus ut ignotis cornibus Inachidos. 20 Et modo soluebam nostra de fronte corollas ponebamque tuis, Cynthia, temporibus; et modo gaudebam lapsos formare capillos; nunc furtiua cauis poma dabam manibus: omnia quae ingrato largibar munera somno, 25 munera de prono saepe uoluta sinu; et quotiens raro duxti suspiria motu, obstupui uano credulus auspicio, ne qua tibi insolitos portarent uisa timores, neue quis inuitam cogeret esse suam: 30 donec diuersas praecurrens luna fenestras, luna moraturis sedula luminibus, compositos leuibus radiis patefecit ocellos. Sic ait in molli fixa toro cubitum:</p>	<p>Tal como, após Teseu zarpar, jazia enferma a Cnóssia no deserto litoral; tal como se estirou Andrômeda Ceféia tão logo adormeceu livre da pedra; tal como exausta assim após dançar demais a Edônide caiu no herboso Apídano: Cíntia eu vi em sono ameno respirar, cabeça em mãos unidas apoiada, passos quando arrastei ébrios de muito Baco, e escravos n'alta noite a tocha alteavam. Dela busquei (o senso eu não perdera inteiro) docemente no leito aconchegar-me. Por duplo ardor tomado embora – que me instavam ora Amor, ora Líber, duros deuses, a atacá-la gentil soto-pondo meu braço e dar-lhe beijos de arma em punho –, o sono não ousei perturbar, não!, de minha senhora, da raiva conhecida tendo medo, mas imóvel fiquei, olhos atentos, qual Argo nos chifres (sem saber) da Ináquida. E ora de minha testa a guirlanda eu soltava e, Cíntia, em tuas têmporas prendia, ora folgava em pôr concerto em tuas grenhas, e dava a cavas mãos furtivos pomos: dádivas que esbanjei ao sono ingrato, dádivas que rolavam de teu regaço prono. E toda rara vez que abrupta suspiravas, estupefacto cri num vão presságio, que insólito pavor uns sonhos te causassem!, que alguém malgrado teu te possuísse! Foi quando a lua, ao vir defronte da janela, – lua zelosa da morosa luz – presos raiando leve abriu os olhos dela. Cotovelo na mole cama, Cíntia</p>
---	--

“tandem te nostro referens iniuria lecto 35
 alterius clausis expulit e foribus?
 Namque ubi longa meae consumpsti tempora noctis,
 languidus exactis, ei mihi, sideribus?
 O utinam tales perducas, improbe, noctes,
 me miseram quales semper habere iubes! 40
 Nam modo purpureo fallebam stamine somnum
 rursus et Orpheae carmine, fessa, lyrae;
 interdum leuiter mecum deserta querebar
 externo longas saepe in amore moras:
 dum me iucundis lassam Sopor impulit alis. 45
 Illa fuit lacrimis ultima cura meis”.

falou: “voltas enfim ao leito meu, vexado
 por outra e expulso de trancadas portas?
 A minha longa noite onde passaste, lânguido,
 aí de mim, mesmo após o pôr dos astros?
 Tomara tenhas tu noites iguais, malvado,
 às que me obrigas mísera sofrer!,
 que há pouco eu enganava o sono ao fio de púrpura,
 do canto exausta já da lira Orféia,
 e ora em vez, só, comigo eu lamentava mansa
 teu longo demorar no amor de fora,
 e exausta alfim Torpor levou-me em ledas asas:
 remédio extremo foi de minhas lágrimas”.

Propércio, Livro I, Elegia 4

Quid mihi tam multas laudando, Basse, puellas
 mutatum domina cogis abire mea?
 Quid me non pateris uitae quodcumque sequetur
 hoc magis assueto ducere seruitio?
 Tu licet Antiopae formam Nycteidis, et tu 5
 Spartanae referas laudibus Hermionae,
 et quascumque tulit formosi temporis aetas,
 Cynthia non illas nomen habere sinat:
 nedum, si leuibis fuerit collata figuris,
 inferior duro iudice turpis eat. 10
 Haec sed forma mei pars est extrema furoris;
 sunt maiora, quibus, Basse, perire iuuat:
 ingenuus color et motis decor artubus et quae
 gaudia sub tacita discere ueste libet.
 Quo magis et nostros contendis soluere amores, 15
 hoc magis accepta fallit uterque fide.
 Non impune ferēs: sciet haec insana puella
 et tibi non tacitis uocibus hostis erit;
 nec tibi me post haec committet Cynthia nec te
 quaeret; erit tanti criminis illa memor, 20
 et te circum omnes alias irata puellas
 differet: heu nullo limine carus eris.
 Nullas illa suis contemnet fletibus aras,
 et quicumque sacer, qualis ubique, lapis.
 Non ullo grauius temptatur Cynthia damno 25

Por quê, Basso, ao louvar tantas meninas, queres
 que, mudado, a senhora minha eu deixe?
 Por quê do que terei de vida não permites
 que o mais na usada eu passe escravidão?
 De Antíopa Nictéia a bela forma embora
 adules e de Hermíone Espartana
 e quantas produziu o belo tempo antigo,
 Cíntia renome algum lhes deixa ter:
 comparada às comuns, pior não parecera
 ao juiz, bem que duro, nem vexada.
 Mas tal beleza é só quinhão de meu furor,
 há razões de morrer maiores, Basso:
 a cor nativa, a graça, o balançar do corpo
 e o gozo embaixo de lençóis calados.
 Quanto mais nosso amor procuras dissolver,
 tanto mais mútua nossa fé te engana.
 Pagarás: que a menina insana há de saber
 e com voz nada surda hostilizar-te,
 e a ti Cíntia não vai-me confiar nem vai-te
 querer, lembrada de tamanho crime.
 Com difamar-te irada ao bando de meninas
 todas, a porta alguma serás grato;
 não poupará nenhum altar do pranto seu
 nem pedra alguma, onde estiver, sagrada.
 Contra Cíntia não há tão grave dano quanto

quam sibi cum raptō cessat amore deus,
 praecipue nostro. Maneat sic semper, adoro,
 nec quicumque ex illa quod querar inueniam!

o deus deixá-la ao ser roubado o amor,
 mormente o meu. Que assim perdue sempre, imploro,
 e nada a lamentar eu nela encontre.

Propércio, Livro I, Elegia 5

Inuide, tu tandem uoces compesce molestas
 et sine nos cursu, quo sumus, ire pares!
 Quid tibi uis, insane? meae sentire furores?
 Infelix, properas ultima nosse mala,
 et miser ignotos uestigia ferre per ignes, 5
 et bibere e tota toxica Thessalia.
 Non est illa uagis similis collata puellis:
 molliter irasci non sciet illa tibi.
 Quod si forte tuis non est contraria uotis,
 at tibi curarum milia quanta dabit! 10
 Non tibi iam somnos, non illa relinquet ocellos:
 illa feros animis alligat una uiros.
 A, mea contemptus quotiens ad limina cures,
 cum tibi singultu fortia uerba cadent,
 et tremulus maestis orietur fletibus horror, 15
 et timor informem ducet in ore notam,
 et quaecumque uoles fugient tibi uerba querenti,
 nec poteris, qui sis aut ubi, nosse miser!
 Tum graue seruitium nostrae cogere puellae
 discere et exclusum quid sit abire domum; 20
 nec iam pallorem totiens mirabere nostrum,
 aut cur sim toto corpore nullus ego.
 Nec tibi nobilitas poterit succurrere amanti:
 nescit Amor priscis cedere imaginibus.
 Quod si parua tuae dederis uestigia culpae, 25
 quam cito de tanto nomine rumor eris!
 Non ego tum potero solacia ferre roganti,
 cum mihi nulla mei sit medicina mali;
 sed pariter miseri socio cogemur amore
 alter in alterius mutua flere sinu. 30
 Quare, quid possit mea Cynthia, desine, Galle,
 quaerere: non impune illa rogata uenit.

Tu, invejoso, cala enfim o mal-dizer
 e iguais deixa-nos ir por nosso rumo.
 Que queres tu, insano? O meu furor sentir?
 Corres a ver, infausto, o mal extremo,
 e mísero imprimir teu passo em chama ignota
 e à Tessália beber toda os venenos.
 Cíntia não se compara a meninas multívagas,
 não vai irar-se pouco contra ti.
 E se ela acaso aos teus desejos não se opõe,
 mas quantos mil cuidados te dará!
 Não há de abandonar teu sono, não teus olhos:
 varões de alma feroz sozinha amarra.
 Ah, quanto à minha porta hás de correr banido,
 quando soluçarás palavras fortes.
 Trêmulo nascerá do mesto choro o horror,
 e do medo em teu rosto a marca feia;
 querendo-as, flébil vão fugir de ti palavras;
 onde ou quem nunca vais saber, inútil!
 Aprenderás quão duro é ser desta menina
 escravo e o que é voltar a casa excluído.
 Já não vai admirar-te a minha palidez,
 ou nada no meu corpo haver de mim.
 Não te socorrerá nobreza por amares,
 ignora Amor ceder a imagens priscas.
 Se do erro indício houver – grande porém teu nome –
 tu na boca do povo cairás.
 Não poderei levar consolo ao me pedires,
 se remédio não há ao mal que tenho.
 Mas no infortúnio iguais comum amor fará
 trocarmos um no peito do outro o pranto.
 Assim, não busques, Galo, o quanto minha Cíntia
 pode: rogada não virá sem dano.

Propércio, Livro I, Elegia 6

Non ego nunc Hadriae uereor mare noscere tecum, Tulle, neque Aegaeo ducere uela salo, cum quo Rhipaeos possim conscendere montes ulteriusque domos uadere Memnonias; sed me complexae remorantur uerba puellae, 5 mutatoque graues saepe colore preces. Illa mihi totis argutat noctibus ignes, et queritur nullos esse relictas deos; illa meam mihi iam se denegat, illa minatur quae solet ingrato tristis amica uiro. 10 His ego non horam possum durare querelis: ah pereat, si quis lentus amare potest! An mihi sit tanti doctas cognoscere Athenas atque Asiae ueteres cernere diuitias, ut mihi deducta faciat conuicia puppi 15 Cynthia et insanis ora notet manibus, osculaue opposito dicat sibi debita uento, et nihil infido durius esse uiro? Tu patruī meritas conare anteire secures, et uetera oblitis iura refer sociis. 20 Nam tua non aetas umquam cessauit amori, semper at armatae cura fuit patriae; et tibi non umquam nostros puer iste labores afferat et lacrimis omnia nota meis! Me sine, quem semper uoluit fortuna iacere, 25 huic animam extremam reddere nequitiae. Multi longinquo periere in amore libenter, in quorum numero me quoque terra tegat. Non ego sum laudi, non natus idoneus armis: hanc me militiam fata subire uolunt. 30 At tu, seu mollis qua tendit Ionia, seu qua Lydia Pactoli tingit arata liquor, seu pedibus terras seu pontum remige carpes, ibis et accepti pars eris imperii: tum tibi si qua mei ueniet non immemor hora, 35 uiuere me duro sidere certus eris.	Contigo já não temo agora o Adriático, Tulo, nem velas dar ao mar Egeu. Contigo eu subiria os montes do Ripeu e além iria das mansões de Mêmnon. Mas prende-me o que diz a menina em meus braços e, já sem cor, o muito que suplica; do seu ardor a noite inteira tagarela e queixa-se que os deuses a largaram. Diz não ser minha e põe-se a ameaçar-me como a triste amante a seu amante ingrato. Nem uma hora a tais queixumes eu resisto: Ah, morra quem puder amar sem pressa! Vale-me tanto a douta Atenas conhecer, na Ásia contemplar a antiga pompa, que Cíntia eu veja, solta a nau, lançar-me insultos e insana com as mãos ferir o rosto?, beijos dizer lhe deve o oposto vento e nada mais duro haver que um homem infiel? Secures tenta obter mais que teu tio e leva a lei de antanho a sócios que a esqueceram. Jamais tardou no amor a tua juventude, antes, serviste sempre à pátria armada; não vai causar-te a dor que tenho este menino, nem quanto minhas lágrimas conhecem! Eu, a quem sempre quis fortuna ver inerte, deixa à devassidão eu dar a vida. Muitos de longo amor morreram de bom grado, entre os quais vai também cobrir-me a terra. Não para a glória, eu para as armas não nasci: milícia, o fado quer que eu sirva àquela. Mas tu quer onde a mole Iônia tange, quer onde os campos da Lídia tingem o Páctolo, terras a pé, ou mar se a remo devorares, irás detendo o império que te coube, e então, se tempo vier que de mim não deslembres, sob dura estrela saberás que vivo.
---	---

Propércio, Livro I, Elegia 7

Dum tibi Cadmeae dicuntur, Pontice, Thebae armaque fraternae tristia militiae, atque, ita sim felix, primo contendis Homero (sint modo fata tuis mollia carminibus), nos, ut consuemus, nostros agitamur amores, 5 atque aliquid duram quaerimus in dominam; nec tantum ingenio quantum seruire dolori cogor et aetatis tempora dura queri. Hic mihi coneritur uitae modus, haec mea fama est, hinc cupio nomen carminis ire mei. 10 Me laudent doctae solum placuisse puellae, Pontice, et iniustas saepe tulisse minas; me legat assidue post haec neglectus amator, et prosint illi cognita nostra mala, te quoque si certo puer hic concusserit arcu 15 quo nollem nostros me uiolasse deos! Longe castra tibi, longe miser agmina septem flebis in aeterno surda iacere situ; et frustra cupies mollem componere uersum, nec tibi subiciet carmina serus Amor. 20 Tum me non humilem mirabere saepe poetam, tunc ego Romanis praeferar ingeniis. Nec poterunt iuuenes nostro reticere sepulcro: “Ardoris nostri magne poeta iaces”. Tu caue nostra tuo contempnas carmina fastu: 25 saepe uenit magno faenore tardus Amor.	Cantando enquanto estás Tebas Cadméia, Pôntico, e armas tristes de luta fraternal, rivalizando, céus!, com Homero, o primeiro! (que o fado seja brando com teus versos), eu de costume a meus amores me dedico, contra dura senhora algo buscando. Nem tanto a engenho: a dor eu tenho de servir e dura me queixar da juventude. Assim eu passo a vida, é este meu renome: surja daqui a fama de meu verso! Só porque deleitei menina douta, Pôntico, e ameaças sofri injustas, louvem-me. Depois, leia-me assíduo o amante abandonado e conhecer meus males lhe aproveite. Se te ferir também deste menino o arco – com que oxalá me os deuses não tocassem! –, mísero vais chorar, que arraias, sete exércitos longe estão, surdos de bolor eterno. E em vão desejarás versos compor suaves, canções não vai ditar-te Amor tardinho. Então poeta nada humilde hei de assombrar-te e entre engenhos serei em Roma eleito. Jovens não poderão calar em meu sepulcro: “Grão poeta de nosso ardor, descansas”. Tu meus poemas, cuida, altivo não desprezes: só vir a quanto custo Amor tardio!
--	---

Propércio, Livro I, Elegia 8

Tune igitur demens, nec te mea cura moratur? An tibi sum gelida uilior Illyria? Et tibi iam tanti, quicumquest, iste uidetur, ut sine me uento quolibet ire uelis? Tune audire potes uesani murmura ponti 5 fortis et in dura naue iacere potes? Tu pedibus teneris positas fulcire pruinas, tu potes insolitas, Cynthia, ferre niues? O utinam hibernae duplicentur tempora brumae,	Tu, demente, nem meu cuidado te detém? Ou sou a ti mais vil que a Ilíria gélida? Quem for, te importa tanto assim este pretor, que queres ir sem mim a barlavento? Tu, forte, o mar bravio então podes ouvir bramar, e em dura nau podes dormir? Tu podes tenros pés premer em neve assente, e sofrer, Cíntia, insólitas borrascas? Oxalá hibernais o dobro durem brumas,
--	---

et sit iners tardis nauita Vergiliis, 10
 nec tibi Tyrrena soluat funis harena,
 neue inimica meas eleuet aura preces
 et me defixum uacua patiat in ora
 crudelem infesta saepe uocare manu!
 Sed quocumque modo de me, periura, mereris, 15
 sit Galatea tuae non aliena uiae;
 atque ego non uideam tales subsidere uentos,
 cum tibi prouectas auferet unda rates,
 ut te felici post uicta Ceraunia remo
 accipiat placidis Oricos aequoribus. 20
 Nam me non ullae poterunt corrumpere, de te
 quin ego, uita, tuo limine uerba querar;
 nec me deficiet nautas rogitare citatos
 “dicite, quo portu clausa puella mea est?”,
 Et dicam “licet Artaciis considat in oris, 25
 et licet Hylaeis, illa futura mea est”.
 Hic erit! hic iurata manet! rumpantur iniqui!
 Vicimus: assiduas non tulit illa preces.
 Falsa licet cupidus deponat gaudia Liuor:
 destitit ire nouas Cynthia nostra uias. 30
 Illi carus ego et per me carissima Roma
 dicitur, et sine me dulcia regna negat.
 Illa uel angusto mecum requiescere lecto
 et quocumque modo maluit esse mea,
 quam sibi dotatae regnum uetus Hippodamiae, 35
 et quas Elis opes apta pararat equis.
 Quamuis magna daret, quamuis maiora daturus,
 non tamen illa meos fugit auara sinus.
 Hanc ego non auro, non Indis flectere conchis,
 sed potui blandi carminis obsequio. 40
 Sunt igitur Musae, neque amanti tardus Apollo,
 quis ego fretus amo: Cynthia rara mea est!
 Nunc mihi summa licet contingere sidera plantis:
 siue dies seu nox uenerit, illa mea est!

e atraque o nauta por deter-se as plêiades;
 por ti ao cais Tirreno o cálabre não soltem,
 nem sopro hostil disperse minhas preces,
 e após, plantado ali na erma praia, deixe-me
 “cruel!” muito chamar-te, punho em riste.
 Mas por mais que de mim, perjura!, o mal mereças,
 teu rumo Galatéia não desguarde;
 estes ventos que eu não os veja repousar
 quando impelir a onda a nau zarpada
 e a Acroceráunia após dobrares a bom remo,
 Órico te acolher em mar tranquilo,
 porque, Vida, mulher não há que me demova
 de queixumes lançar em tua porta
 e à maruja reunida interrogar “que porto,
 “dizei, minha menina ora enclausura?”
 E direi: “bem que aporte ao litoral Atrácio,
 ao Hileu, ela há mas de ser minha”.
 Cá virá! Cá jurou ficar! Mordam-se os maus,
 venci: preces não suportou assiduas.
 Lúbrica Inveja esqueça o imaginado gozo:
 minha Cíntia já não viajará.
 Eu lhe sou caro e lhe é por mim Roma caríssima –
 diz “–”, que não há sem mim doce país.
 E ela comigo em leito exíguo repousar
 quis mais e, como fosse, minha ser,
 que o reino antigo ter, dote de Hipodamia,
 e os bens que equícola somou a Élide.
 Por mais que o outro desse e o mais que lhe daria,
 ela ao meu peito avara não fugiu.
 Ela, não a dobrei com ouro ou conchas Índicas,
 mas foi com o condão de um canto doce.
 Há Musas: e a quem ama, Apolo não é tardo;
 fido aos quais, amo: Cíntia, rara, é minha.
 Posso agora pisar nos astros mais subidos,
 seja dia, quer noite, que ela é minha.

Propércio, Livro I, Elegia 9

Dicebam tibi uenturos, irrisor, amores, nec tibi perpetuo libera uerba fore: ecce iaces supplexque uenis ad iura puellae, et tibi nunc quaeuis imperat empta modo.		Não falei, zombador, que amor viria e tuas palavras não seriam sempre livres? Rastejas suplicante à lei de uma menina e uma ninguém, comprada há pouco, impera-te.
Non me Chaoniae uincant in amore columbae dicere, quos iuuenes quaeque puella domet.	5	Não predizem no amor como eu pombas Caônias que jovens domará cada menina.
Me dolor et lacrimae merito fecere peritum: atque utinam posito dicar amore rudis!		Dor, lágrimas com jus fizeram-me perito: antes fosse ignorante sem amor!
Quid tibi nunc misero prodest graue dicere carmen aut Amphioniae moenia flere lyrae?	10	Que te vale infeliz cantar grave canção, ou muros lamentar da lira Anfíônia?
Plus in amore ualet Mimnermi uersus Homero: carmina mansuetus lenia quaerit Amor.		Um verso de Mimnermo é mais no amor que Homero: suaves busca manso Amor canções.
I quaeso et tristes istos sepone libellos, et cane quod quaeuis nosse puella uelit!		Larga teu triste livro e vê se cantas, peço, o que qualquer menina quer saber!
Quid si non esset facilis tibi copia! Nunc tu insanus medio flumine quaeris aquam.	15	O quê? Se te faltar assunto? Agora mesmo, louco, procuras água em pleno rio.
Necdum etiam palles, uero nec tangeris igni: haec est uenturi prima fauilla mali.		Inda não te tocou palor nem vera chama, primeira do vindouro mal centelha.
Tum magis Armenias cupies accedere tigres et magis infernae uincula nosse rotae,	20	Então preferirás ferir tigres na Armênia, grilhões da roda conhecer do Inferno,
quam pueri totiens arcum sentire medullis et nihil iratae posse negare tuae.		a sentir na medula a flecha do menino, e à ira de tua amante não negar.
Nullus Amor cuiquam faciles ita praebuit alas, ut non alterna presserit ille manu.		Jamais Amor cedeu a alguém asas propícias sem oprimi-lo após com a outra mão.
Nec te decipiat, quod sit satis illa parata: acrius illa subit, Pontice, si qua tua est,	25	Nem te engane o mostrar-se compassiva, Pôntico, mais acre se inocula a que for tua,
quippe ubi non liceat uacuos seducere ocellos, nec uigilare alio limine cedat Amor.		porque não poderás vagos desviar-lhe os olhos nem te dará vigília Amor por outra,
Qui non ante patet, donec manus attingit ossa: quisquis es, assiduas tu fuge blanditias!	30	o qual não se revela até tocar-te os ossos: quem fores, de carícias fuge assíduas,
Illis et silices et possint cedere quercus, nedum tu possis, spiritus iste leuis.		às quais, se até calhaus, se até carvalho cede, o que dizer de ti, essa alma terna?
Quare, si pudor est, quam primum errata fatere: dicere quo pereas saepe in amore leuat.		Assim, se tens pudor, confessa logo os erros: no amor dizer por quem se morre acalma.

Propércio, Livro I, Elegia 10

O iucunda quies, primo cum testis amori affueram uestris conscius in lacrimis!		Ó doce noite aquela em que ao primeiro amor assisti, cúmplice de vossas lágrimas!	
O noctem meminisse mihi iucunda uoluptas, o quotiens uotis illa uocanda meis, cum te complexa morientem, Galle, puella	5	Ó que doce prazer lembrar aquela noite, que devo com meus votos invocar, na qual, Galo, te vi no colo da menina, morrendo, suspirar longas palavras!	
uidimus et longa ducere uerba mora! Quamuis labentes premeret mihi somnus ocellos et mediis caelo Luna ruberet equis, non tamen a uestro potui secedere lusu:		Os olhos me pesava o sono e enrubescia no céu a lua em meio à cavalgada, mas não pude largar a vossa brincadeira de tanto ardor nos gritos alternados.	
tantus in alternis uocibus ardor erat.	10	E porque não temeste a mim te expor, aceita a paga da alegria que me deste: não só a vossa dor já sei calar; eu tenho em mim algo maior que lealdade: separados eu posso unir de novo amantes e abrir a tarda porta da senhora; recente posso a dor de outros curar: não são minhas palavras mero paliativo.	
Sed quoniam non es ueritus concredere nobis, accipe commissae munera laetitiae: non solum uestros didici reticere dolores, est quiddam in nobis maius, amice, fide.		Cíntia ensinou-me o quê sempre buscar, do quê se precaver: o resto fez Amor.	
Possum ego diuersos iterum coniungere amantes,	15	Cuida não fazer guerra à birra da menina nem soberbo falar nem ficar mudo.	
et dominae tardas possum aperire fores; et possum alterius curas sanare recentis, nec leuis in uerbis est medicina meis.		E se algo te pedir, não negues carrancudo nem sejam vãs palavras benfazejas.	
Cynthia me docuit, semper quae cuique petenda quaeque cauenda forent: non nihil egit Amor.	20	Desdenhada, virá sanhosa e, se ofendida, as justas ameaças não descumpre.	
Tu caue ne tristi cupias pugnare puellae, neue superba loqui, neue tacere diu; neu, si quid petiit, ingrata fronte negaris, neu tibi pro uano uerba benigna cadant.		Mas quanto mais humilde e mais sujeito a amor, tanto mais fruirás de teu sucesso.	
Irritata uenit, quando contemnitur	25	Poderá ser feliz com uma só menina quem nunca livre for de peito isento.	
nec meminit iustas ponere laesa minas: at quo sis humilis magis et subiectus amori, hoc magis effectu saepe fruare bono.			
Is poterit felix una remanere puella, qui numquam uacuo pectore liber erit.	30		

Propércio, Livro I, Elegia 11

Ecquid te mediis cessantem, Cynthia, Baiis, qua iacet Herculeis semita litoribus et modo Thesproti mirantem subdita regno proxima Misenis aequora nobilibus, nostri cura subit memores adducere noctes?	5	Enquanto folgas, Cíntia, agora em plena Baias (praias em que se estende a senda Hercúlea), e da nobre Miseno o mar vizinho admiras (águas que vão saudar o rei Tesproto), cismar – será? – te traz noites em que me lembrás?
---	---	--

Ecquis in extremo restat amore locus? An te nescio quis simulatis ignibus hostis sustulit e nostris, Cynthia, carminibus, ut solet amoto labi custode puella, perfida communes nec meminisse deos? 10 Atque utinam mage te remis confisa minutis paruula Lucrina cumba moretur aqua, aut teneat clausam tenui Teuthrantis in unda alternae facilis cedere lympham manu, quam uacet alterius blandos audire susurros 15 molliter in tacito litore compositam! Non quia perspecta non es mihi cognita fama, sed quod in hac omnis parte timetur amor. Ignosces igitur, si quid tibi triste libelli attulerint nostri: culpa timoris erit. 20 Ah mihi non maior carae custodia matris aut sine te uitae cura sit ulla meae! Tu mihi sola domus, tu, Cynthia, sola parentes, omnia tu nostrae tempora laetitiae. Seu tristis ueniam seu contra laetus amicis, 25 quicquid ero, dicam “Cynthia causa fuit”. Tu modo quam primum corruptas desere Baias: multis ista dabunt litora discidium, litora quae fuerunt castis inimica puellis: ah pereant Baiae, crimen amoris, aquae! 30	Será que em teu amor restou lugar? Ou simulando ardor, alguém, um inimigo, Cíntia, te surripou a meus cantares como a menina que se esgueira sem a guarda e pérfida ignora deuses partilhados? Que antes uma canoa, entregue a breves remos na onda do Lucrino, te entretenha, ou ténue te aprisione a água do Teutrante a mãos alternas mansa oferecida, que possas doutro ouvir sussurros brandos já deitada molemente em quieta praia: não é que eu não conheça o quanto és reputada, mas todo amor ali é de temer. Perdoarás se meu livrinho te levar qualquer tristeza: a culpa é do temor. Por minha cara mãe mais zelo eu não teria nem, sem ti, cuidaria de viver. Tu, só tu, és meu lar, Cíntia, só tu meus pais, e também todo meu contentamento. Quer triste eu chegue ou ledó, aos amigos, qual seja meu estado, direi: “A causa é Cíntia”. Tu, deixa, antes de tudo, a corrompida Baias, esta praia trará discórdia a muitos, praia que foi hostil ao pudor das meninas! Que morra o mar de Baias, mal do amor!
--	--

Referências

AGNOLON, Alexandre. *A festa de saturno: o Xênia e o Apoforeta de Marcial*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Letras. Orientada por João Angelo Oliva Neto, inédita. São Paulo, 2014.

AMORIM DE CARVALHO. *Tratado de versificação portuguesa*. Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, 1981.

BANDEIRA, Manuel. “A versificação em língua portuguesa”. In: *Enciclopédia Delta Larousse*, tomo VI. Rio de Janeiro: Editora Delta S.A., 1960. pp. 3239-3249.

BILAC, Olavo; GUIMARAENS PASSOS, [Sebastião Cícero]. *Tratado de versificação (A poesia no Brasil. A métrica. Gêneros literários)*. 3a ed. Rio de Janeiro / São Paulo / Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1926.

CAIROLI, Fábio Paifer. *Marcial Brasileiro*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Letras. Orientada por João Angelo Oliva Neto, inédita. São Paulo, 2014.

_____. *Pequena gramática poética de Marcial*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Letras. Orientada por João Angelo Oliva Neto, inédita. São Paulo, 2009.

CAMPOS, Haroldo de. *Iliada de Homero*, tradução de Haroldo de Campos. Vol. I, 4a ed., 2003. Vol. II, 2002. São Paulo: Arx.

_____. “Para transcriar a *Iliada*”. In: *Revista USP* n. 12 (dez.-jan.-fev. 1991-1992). pp. 143-161.

CASTILHO, Antônio Feliciano de. *Tratado de metrificação portuguesa*. Seguido de considerações sobre declamação e a pódica, pelo Visconde de Castilho. 4a edição. Porto: Livraria Moré-Editora, 1874.

CAVALCANTI PROENÇA, M. *Ritmo e poesia*. Rio de Janeiro: Edição da Organização Simões, 1955.

CESILA, Robson Tadeu. *O palimpsesto epigramático de Marcial: intertextualidade e geração de sentidos na obra do poeta de BÍLBILIS*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) como um dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Linguística, na área de Letras Clássicas, orientada por Paulo Sérgio de Vasconcellos, inédita. Campinas, 2008.

CHOCIAY, Rogério. *Teoria do verso*. São Paulo / Rio de Janeiro / Belo Horizonte / Porto Alegre: Editora McGraw-Hill do Brasil, 1974.

HORACIO FLACCO, Q. *A lyrica de Q. Horacio Flacco, poeta romano*, trasladada literalmente em verso português por Elpino Duriense, 2 tomos. Lisboa: na Impressam Regia, anno 1807. Com Licença de Sua Alteza Real.

FLORES, Guilherme Gontijo. *A diversão tradutória: uma tradução das Elegias de Sexto Propércio*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Orientada por Sandra Maria Gualberto Braga Bianchet. Belo Horizonte, 2008.

GONÇALVES, Francisco Rebelo. *Obra completa*, vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Crisálidas*. Página eletrônica: <http://www.projetolivrolivre.com> a cargo de Iba Mendes.

MATEDI ALVES, João Paulo. *Elegias de Tibulo (Liber primus): Tradução, introdução e notas*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Estudos Literários. Orientada por Raimundo Carvalho, inédita. Vitória, 2008.

_____. *Elegias de Tibulo: tradução e comentário*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para obtenção do título de Doutor em Letras, na área de concentração Estudos Literários. Orientada por Raimundo Carvalho, inédita. Vitória, 2014.

MELO SERRANO, Daniel Bueno de. *Metapoesia no livro I de Tibulo: tradução e estudo*. Monografia apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras. Orientada por Isabella Tardin Cardoso, inédita. Campinas, 2013.

MEYER, Augusto. “Do Alexandrino”. In: *A forma secreta*. Rio de Janeiro: Editora Lidador, 1965. pp. 160-164.

OLIVA NETO, João Angelo. *O livro de Catulo: poemas traduzidos*. Dissertação de mestrado orientada por Antônio da Silveira Mendonça. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1993.

_____. *O livro de Catulo*, tradução, introdução e notas de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

OVÍDIO. *Poemas da carne e do exílio*, seleção, tradução, introdução e notas de José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

PROPÉRCIO, SEXTO. *Elegias de sexto propércio*, organização, tradução, introdução e notas de Guilherme Gontijo Flores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. Coleção Clássica, coordenada por Oséias Ferraz.

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. “O verso alexandrino”. In: *O verso romântico e outros ensaios*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1959, pp. 39-49.

_____. *Poesia grega e latina*, seleção, notas e tradução direta do grego e do latim por Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Cultrix, 1964.

_____. *Poesia quase completa*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1972.

SAID ALI, Manuel. *Versificação portuguesa*, prefácio de Manuel Bandeira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

Apêndice

Folhetim

(Francisco Buarque de Hollanda)

Se acaso me quiseres
Sou dessas mulheres
Que só dizem sim
Por uma coisa à toa
Uma noitada boa
Um cinema, um botequim

E, se tiveres renda
Aceito uma prenda
Qualquer coisa assim
Como uma pedra falsa
Um sonho de valsa
Ou um corte de cetim.

E eu te farei as vontades
Direi meias verdades
Sempre à meia luz
E te farei, vaidoso, supor
Que és o maior e que me possuis.

Mas na manhã seguinte
Não conta¹⁸ até vinte
Te afasta de mim
Pois já não vales nada
És página virada
Descartada do meu folhetim.

18 Considero licença poética e não solecismo “Não conta” em vez de “não contes”, que se deve à necessária sinalefa com “até”.

Tatuagem

(Francisco Buarque de Hollanda)

Quero ficar no teu corpo
Feito tatuagem
Que é pra te dar coragem
Pra seguir viagem
Quando a noite vem

E também pra me perpetuar
Em tua escrava
Que você pega, esfrega
Nega, mas não lava.

Quero brincar no teu corpo
Feito bailarina
Que logo te alucina
Salta e se ilumina
Quando a noite vem

E nos músculos exaustos
Do teu braço
Repousar frouxa, farta
Murcha, morta de cansaço.

Quero pesar feito cruz
Nas tuas costas
Que te retalha em postas
Mas no fundo gostas
Quando a noite vem.

Quero ser a cicatriz
Risonha e corrosiva
Marcada a frio
Ferro e fogo
Em carne viva

Corações de mãe, arpões
Sereias e serpentes
Que te rabiscam
O corpo todo
Mas não sentes.

As Vitrines

(Francisco Buarque de Hollanda)

Eu te vejo sumir por aí
Te avisei que a cidade era um vão
– Dá tua mão
– Olha pra mim
– Não faz assim
– Não vai lá não

Os letreiros a te colorir
Embaraçam a minha visão
Eu te vi suspirar de aflição
E sair da sessão, frouxa de rir.

Já te vejo brincando, gostando de ser
Tua sombra a se multiplicar
Nos teus olhos também posso ver
As vitrines te vendo passar

Na galeria, cada clarão
É como um dia depois de outro dia
Abrindo um salão
Passas em exposição
Passas sem ver teu vigia
Catando a poesia
Que entornas no chão.

Menino Deus

(Caetano Veloso)

Menino Deus, um corpo azul-dourado,
um porto alegre é bem mais que um seguro
na rota das nossas viagens no escuro.
Menino Deus, quando tua luz se acenda,
a minha voz comporá tua lenda
e por um momento haverá
mais futuro do que jamais houve,
mas ouve a nossa harmonia
a eletricidade ligada no dia
em que brilharías por sobre a cidade.

Menino Deus, quando a flor do teu sexo
abrir as pétalas para o universo
Então, por um lapso, se encontrará nexo
Ligando os breus, dando sentido aos mundos
E aos corações sentimentos profundos de terna alegria no dia
Do menino Deus
Do menino Deus
Do menino Deus
No dia do menino Deus.

Menino do Rio

(Caetano Veloso)

Menino do Rio
Calor que provoca arrepio
Dragão tatuado no braço
Calção corpo aberto no espaço
Coração, de eterno flerte
Adoro ver-te...

Menino vadio
Tensão flutuante do Rio

Eu canto prá Deus
Proteger-te...

O Hawaí, seja aqui
Tudo o que sonhares
Todos os lugares
As ondas dos mares
Pois quando eu te vejo
Eu desejo o teu desejo...

Menino do Rio
Calor que provoca arrepio
Toma esta canção
Como um beijo...

Menino do Rio
Calor que provoca arrepio
Dragão tatuado no braço
Calção corpo aberto no espaço
Coração, de eterno flerte
Adoro ver-te...

Menino vadio
Tensão flutuante do Rio
Eu canto prá Deus
Proteger-te...

O Hawaí, seja aqui
Tudo o que sonhares
Todos os lugares
As ondas dos mares
Pois quando eu te vejo
Eu desejo o teu desejo...

Paralelas

(Belchior)

Dentro do carro, sobre o trevo, a cem por hora
oh, meu amor, só tens agora
os carinhos do motor.

E no escritório em que eu trabalho e fico rico,
quanto mais eu multiplico
diminui o meu amor.

Em cada luz de mercúrio
vejo a luz do teu olhar.
Passas praças, viadutos
nem te lembras de voltar, de voltar, de voltar

No Corcovado, quem abre os braços sou eu.
Copacabana, esta semana, o mar sou eu.
Como é perversa a juventude do meu coração
Que só entende o que é cruel, o que é paixão!

E as paralelas dos pneus n'água das ruas
são duas estradas nuas
em que foges do que é teu.
No apartamento (8o andar) abro a vidraça
e grito, grito quando o carro passa:
“Teu infinito sou eu, sou eu, sou eu, sou eu”.